

Discurso de posse no Instituto do Ceará

ANGELA MARIA ROSSAS MOTA DE GUTIÉRREZ*

Senhor Presidente do Instituto do Ceará, bibliófilo José Augusto Bezerra, autoridades que compõem a mesa de honra, estimados consócios, prezadas famílias dos novos sócios efetivos desta Casa. Cumprimento, de modo especial, a senhora Luce Fontenele de Carvalho, os irmãos Ivone Guedes, Adorisval Férrer e Rita Ferreira e expresso votos de pronta recuperação da senhora Maria Luiza Barroso Cavalcante, aqui representada por suas três filhas. Saúdo minha mãe, Ângela Laís Pompeu Rossas Mota, nos seus preciosos 96 anos de idade, meu marido, Oswaldo Augusto Gutiérrez Adrianzén e nossa família;

Caros Cid Sabóia de Carvalho, Francisco Adegildo Férrer e Geová Lemos Cavalcante, intelectuais com quem me alegra compartilhar este momento solene em nossas vidas – a cerimônia de posse na muito reverenciada e mais antiga associação cultural e científica de nosso estado, com merecida fama em âmbito nacional. Ao tempo em que os cumprimento, sinto-me grata pelo *honor* que me foi concedido de representá-los nesta cerimônia;

Senhoras e senhores,

Convido-os a iniciarmos a sessão desta noite com um breve passeio pela Fortaleza dos anos oitenta do século XIX, ainda nos tempos do Segundo Império. Conduzidos pelas asas da memória dos cronistas de nossa cidade, descemos na Praça do Ferreira, coração da pequena cidade em que vivem 37 mil almas, quase todas habitantes do espaço

* Sócia Efetiva do Instituto do Ceará.

contido nos limites formados pelas Rua da Praia e Rua da Misericórdia, Rua de Baixo, Rua de Dom Pedro e Rua Amélia. Há pouco mais de sessenta anos, o decreto imperial de 13 de abril de 1826 elevou Fortaleza à categoria de cidade, mas a jovem urbe já se distancia de sua configuração como Vila do Forte. Com a efervescência cultural e cívica das últimas décadas, em que surgiram agremiações culturais como Academia Francesa, Gabinete Cearense de Leitura, Clube Literário, Fênix Caixeiral, e sociedades abolicionistas - Libertadora Cearense e Centro Abolicionista; com a inauguração de edificações: Cemitério São João Batista, Seminário da Prainha, Palácio Episcopal, Mercado Central, Santa Casa de Misericórdia, Colégio da Imaculada Conceição, Escola de Aprendizes-Marinheiros, Liceu do Ceará, Passeio Público, Palacete da Assembleia Legislativa; com a instalação dos serviços de iluminação a gás, transporte regular em bondes de tração animal e em trens da Companhia Cearense de Viação Férrea de Baturité, que, sob liderança do Senador Pompeu, em 1873 pusera sobre trilhos a locomotiva *Fortaleza*, com aplausos de multidão de cinco mil pessoas; enfim, enriquecida por tais e mais inovações, Fortaleza prepara-se para ostentar os signos da modernidade a que o último quarto do século XIX impele o país.

Saindo da Praça do Ferreira, caminhamos na direção do Palácio da Luz. Seguindo alguns passos pela Travessa Municipal, alcançamos a Rua do Quartel. Na convergência das duas, chegamos a nosso destino - a Biblioteca Pública. Antes de aí entrarmos, vemos à nossa direita o perfil lateral da Igreja do Rosário e do outro lado desse pequeno templo, o Palácio da Luz, sede do Governo da Província. No prédio da Biblioteca, buscamos o salão onde se reúnem alguns cavalheiros. Notamos que um deles escreve em uma folha de papel com letra miúda: “Sessão de 4 de março de 1887” e, na linha abaixo: “Presidência do Dr. Paulino Nogueira”. A seguir, registra os nomes dos presentes e o motivo da sessão que ali acontece: “fundar uma sociedade sob o título de Instituto do Ceará com o fim principal de fazer conhecida a história e a geografia da província e concorrer para a propagação das letras e ciências”.

Deixemos esses apóstolos da cultura enquanto assinam a ata da primeira sessão do Instituto do Ceará e avancemos no tempo, desembarcando no ano de 1987. Em outra sessão, no Palacete Jeremias

Arruda que é sede do Instituto desde 1966, ouçamos um dos mais respeitados historiadores cearenses, Raimundo Girão, quando profere, na solenidade comemorativa do primeiro centenário do Instituto do Ceará, as seguintes palavras:

“Causa natural admiração resistir cem anos uma instituição cultural num meio economicamente pobre e sáfaro como o Ceará. Porém o exemplo está aqui, nesta hora e nesta solenidade em que cada um de nós, todos cheios de fê, relembramos o notável acontecimento de 1887”.

Retornemos ao dia de hoje, 24 de abril de 2013, e recordemos que, na contracorrente do destino de tantas associações culturais criadas no século XIX em Fortaleza -que não conseguiram manter-se vivas, embora tenham deixado importante herança literária, de que são exemplos incontestáveis a Academia Francesa e a Padaria Espiritual -, o Instituto do Ceará, como a Academia Cearense de Letras, de 1894, já pôde comemorar duas passagens de século, do XIX ao XX e do XX ao XXI. Ao longo de 126 anos, o Instituto construiu imperecível legado de conhecimento científico e cultural, mantido pela tessitura permanente e infatigável de fortes fios que, ao contrário do manto trançado por Penélope, não é desmanchada em noites de nostalgia e astúcia e embora passe por diferentes mãos, não foge ao desenho original na composição do imenso painel das ciências e das letras que o Instituto do Ceará oferece a seus sócios e a todos que desejem conhecer nosso estado e sua cultura. Entre os principais fios que formam essa tela, ressaltam a dedicação de seus sócios à pesquisa, a persistência da publicação da *Revista do Instituto* que, nascida no mesmo ano de fundação da instituição e nunca interrompida, acompanhou-o em todos os seus anos de existência e, hoje, digitalizada, divulga mais amplamente o conhecimento produzido, sobretudo, pelos sócios; a criação, manutenção e ampliação de valioso acervo bibliográfico; o apoio de alguns benfeitores para melhoramentos na sede e para a criação do Memorial do Barão de Studart; o poder de aglutinação de seus presidentes, em especial de Guilherme Studart que, tendo recebido durante muitos anos os sócios para sessões em sua própria casa, hoje tem seu nome de tal forma ligado à instituição que Casa do Barão e Instituto do Ceará se transformaram em sinônimos.

Senhoras e senhores consócios,

Honra-nos a entrada nesta Casa, que abrigou e abriga tantos nomes que ilustram as letras e as ciências de nosso Estado, anima-nos-a vontade de trazer nossas experiências de vida como novos fios da teia de pesquisa do Instituto do Ceará.

- Francisco Adegildo Férrer, com quem dividimos a honra de nosso ingresso oficial no Instituto, pediu-me que iniciasse sua apresentação neste discurso com as seguintes palavras – “Filho de agricultor, nascido no distrito de Caipu do município de Cariús, no Ceará” –, que revelam o justo orgulho de suas origens sertanejas. Adegildo iniciou sua formação acadêmica, graduando-se em Letras e, posteriormente, em Pedagogia e Direito. Seus estudos tiveram continuidade com Mestrado em Educação na UFC e Doutorado em Filosofia e História da Educação na USP. Dos tempos de menino, quando acompanhava a mãe em seu trabalho de alfabetizadora itinerante, surgiu o entusiasmo de Adegildo pelo magistério - é professor de História da Universidade Estadual do Ceará - UECE -, e pelas questões educacionais e históricas, o que se verifica no registro de sua produção científica, em que sobressaem artigos publicados na *Revista do Instituto*; sua dissertação, “A ideologia da Segurança e Desenvolvimento nos Livros de Estudos de Problemas Brasileiros”, e sua tese, “O Obscurantismo Iluminado: Pombal e a Instrução Pública no Brasil e em Portugal”. Por sua reconhecida dedicação às causas e às coisas do Instituto mereceu os títulos de sócio honorário e de sócio amigo da instituição, concedidos na gestão de Eduardo Campos.

O antecessor de Adegildo no Instituto, escritor José Caminha Alencar Araripe, notabilizou-se no jornalismo, tendo sido Presidente da ACI; no magistério superior, exercido no Curso de Comunicação Social da UFC, instituição universitária que o agraciou com o título de Professor Emérito; na política, como Vereador na Câmara Municipal de Fortaleza, de que foi Presidente; na pesquisa histórica e biográfica, de que é exemplo a obra *Alencar, o padre rebelde*. Entre os prêmios e comendas que recebeu, destacam-se o Prêmio Esso de Reportagem e o título de Grande Colaborador da Cultura Portuguesa, concedido pela Academia Antero de Quental.

- Cid, o decano dos quatro novos sócios do Instituto, é filho de dois escritores que marcaram a literatura cearense, Jáder de Carvalho e Margarida Sabóia de Carvalho. Cedo conheceu a importância da lei-

tura e da escrita que tanto contribuíram para sua paixão pelos livros, revelada em sua atividade como bibliófilo, e para sua formação intelectual, que lhe permite chegar a esta Casa trazendo conhecimento histórico, legislativo e político sobre a cidade, o estado, o país em que vivemos. Sua atuação como Senador da República e como membro da Assembleia Constituinte de 88 inscreve-o em páginas corajosas da história recente de nosso país. Sua voz e sua pena, há mais de 50 anos no labor jornalístico, comentam os acontecimentos da cidade e do mundo e defendem a ética da cidadania, sendo conhecidas por numeroso público. Sua experiência no magistério superior, na Faculdade de Direito da UFC, e suas atividades como escritor e conferencista, membro das Academias Cearense de Letras, Cearense de Retórica, Cearense da Língua Portuguesa, Fortalezaense de Letras e da Associação Brasileira de Bibliófilos, reafirmam os fundamentos de sua trajetória intelectual.

Cid Sabóia de Carvalho sucede no Instituto do Ceará ao General Tácito Theophilo Gaspar de Oliveira, presidente da Casa em dois mandatos e homem grandemente respeitado em sua carreira militar e em suas atividades civis, tendo sido Chefe do Estado Maior das Forças Armadas do Brasil e exercido a Superintendência da Sudene. Casado com fina dama das letras, a romancista Yolanda Gadelha, recebeu, ao longo da vida, várias comendas em que se distinguem a Medalha da Guerra, por sua participação na campanha brasileira na Itália, durante a Segunda Guerra, a Medalha da Abolição e a Grã-Cruz da Ordem do Rio Branco.

Nesta Cerimônia de Posse como sócios efetivos desta Casa, contamos ainda com a companhia de Geová Lemos Cavalcante, advogado, pesquisador em genealogia e em temas relacionados à historiografia da Igreja Católica no Ceará e Conselheiro da Arquidiocese de Fortaleza. Geová Cavalcante considera-se um “andarilho” do trabalho, pois viveu em cinco capitais estaduais e em Brasília no exercício de vários cargos na Polícia Federal, entre esses, o de Superintendente do órgão nos Estados de Alagoas, Acre, Ceará e Paraná. Pesquisador por vocação, dedica-se, atualmente, a investigar a “Cronologia da Igreja Católica no Ceará”. Entre suas publicações, salienta-se *O porteiro da religião- Os escritos de Manezinho do Bispo*, livro que comenta e colige textos do porteiro-escritor, conhecido por seus singularíssimos pensamentos. Para abertura dessa coletânea, Horácio Dídimo escreveu gracioso

poema de que lerei a quadra inicial: “Era Manoel C. Rocha/Um cronista original,/Porteiro palaciano, Manezinho episcopal”. Geová me pede, para honra minha, que aqui faça alusão ao fato de sua mulher, Maria Luiza, ser filha de Antônio Girão Barroso, um dos meus antecessores na cadeira 18 da Academia Cearense de Letras, aliás, homem tão transbordante de poesia que andava, em suas palavras, “com os bolsos carregados de poemas”.

Geová Cavalcante sucede no Instituto do Ceará a Francisco de Assis Arruda Furtado, a quem se sente unido por laços de afeto e admiração. Formado na Faculdade de Direito do Ceará, Arruda Furtado escreveu várias obras sobre Direito Administrativo e Direito Trabalhista. Entre as obras literárias que publicou, encontram-se o livro de poemas *Elegias em Forma de Soneto e Outros Versos* e a biografia de seu filho falecido - *Agradável a Deus e por Ele Amado*. Seus textos e ações que se referem à religião católica permitem-nos dizer que foi, antes de tudo, usando expressão de Rubens de Azevedo, “um batalhador da fé”.

Ao entrar nesta Casa, faço vênua a Dário de Castro Alves, meu antecessor. Como diplomata, Dário dedicou longos anos de sua vida a fortalecer o intercâmbio cultural do Brasil com outras nações, seja quando atuou em Buenos Aires, Nova York, Moscou, Roma e, especialmente em Lisboa, onde foi Embaixador, seja em sua atuação como membro do Conselho Permanente da Organização dos Estados Americanos-OEA, em Washington. Leitor apaixonado por Eça de Queiroz e escritor elegante, instigado por sua mulher, a escritora Dinah Silveira de Queiroz, escreveu famosa trilogia que busca elos entre obras queirozianas e a vida de Portugal. Veio morar em Fortaleza, sua cidade natal, em 2003, tendo tomado posse no Instituto do Ceará no ano seguinte. Entre as 30 importantes comendas que lhe foram concedidas, saliento a Medalha Pushkin da Academia de Literatura Russa, com que o país do grande escritor homenageia o tradutor do romance em versos *Eugênio Onegin*.

Hoje entro na Casa do Barão e aqui encontro, livros, estantes, escrivaninha, que vi desde meus primeiros dias de vida, na casa de meu bisavô, Thomaz Pompeu, onde nasci. Os livros me recebem como velhos conhecidos e me convidam a sentir-me em casa. Perguntam-me o que fiz na vida, se continuo ouvindo as histórias que minha mãe me contava e se passeio em outras bibliotecas guiada por meu pai.

Digo-lhes que sim, que continuo ouvindo as histórias de minha mãe, guardiã da memória da família e da cidade, e que, de tanto ouvir suas histórias, também inventei de contar as minhas; que, em todos os dias de minha vida, passeio e viajo entre livros, e que meu pai e meu mestre, Luciano Cavalcante Mota, partiu há quase dez anos mas vive em mim, como habitante da minha saudade. Conto-lhes que segui o caminho das Letras: dediquei-me ao magistério em literatura na Universidade Federal do Ceará, e nessa instituição, fui fundadora da Pós-Graduação em Letras e do Instituto de Cultura e Arte-ICA e diretora da Casa de José de Alencar; que publico artigos e livros, frutos de pesquisas nas fronteiras da literatura e da história; que me doutorei pela Universidade Federal de Minas Gerais, com a tese *Vargas Llosa e o romance possível da América Latina*; que minha pesquisa de pós-doutorado, também na UFMG, versa sobre Antônio Conselheiro; que escrevo e publico poemas, contos e romances; que, em meu percurso na literatura e na vida, sempre recebo o amoroso apoio de meu marido e de minha família.

E silêncio, pois percebo que meus interlocutores parecem ansiosos para falar.

Perguntam-me, então, pela *Antologia Universal* de Thomaz Pompeu, dicionário de pensamentos que o viram escrever por muitos anos: 53 mil pensamentos e opiniões, citadas no original e em tradução, quando, à época, o maior dicionário no gênero, o *Larousse*, abrigava 40 mil citações. Respondo que essa obra monumental está inédita, a merecer a luz da publicação, antes que a indomável ação deletéria do tempo a destrua, mas acrescento que creio conseguir apoio para publicá-la. Um dos periódicos guardados na estante, a *Revista da Academia Cearense de Letras*, de 1896/1897, pede licença para ler, em suas próprias páginas, trechos de um artigo de Farias Brito sobre Dr. Thomaz Pompeu:

Se há entre nós homens que verdadeiramente mereçam a veneração dos contemporâneos por atos de abnegação e patriotismo, por constantes esforços em bem da coletividade e, mais particularmente, por sua decidida vocação pelas letras e perseverante aplicação ao desenvolvimento da ciência [...] Com efeito, é ele dos poucos em nosso país que abraçam o círculo todo inteiro dos conhecimentos humanos [...] verdadeiramente o continuador da obra do pai [Senador

Pompeu]....é uma glória brasileira, devendo ocupar um lugar de honra na galeria dos pensadores nacionais.

Quedo-me meditando sobre as palavras do nosso grande pensador Farias Brito e relembrando Machado de Assis, fervente admirador de Alencar, quando animava o escritor cearense que se sentia esquecido pela crítica, dizendo-lhe que à conspiração do silêncio opunha-se a conspiração da posteridade. Digo a meus amigos livros que já é tempo de encerrar, por hoje, nosso diálogo e esta fala.

Senhor Presidente,

Em nome dos novos sócios do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), agradeço-lhe as gentis boas-vindas, as generosas referências aos quatro entrantes e as providências de organização desta cerimônia, em que contou com o apoio da diretoria e a colaboração dos funcionários da Casa. Aliás, é justo realçar que José Augusto Bezerra, na presidência da decana entre as instituições culturais do Ceará, vem promovendo projetos e ações que restauram, organizam e divulgam o vasto acervo da instituição enquanto ampliam a ação cultural do Instituto. Nossos agradecimentos se estendem aos sócios efetivos que propuseram nossos nomes ao Instituto, aos membros desta Casa que nos apoiaram, a todos sócios que, hoje, nos acolhem [em especial as mulheres sábias Clélia Lustosa, Rejane Vasconcelos Accioly, Valdelice Girão e Zélia Camurça] e aos amigos e amigas que nos alegram com suas presenças.

Finalizo afirmando que, nesta noite memorável, quando Cid, Adegildo, Geová e eu, Angela, recebemos a Medalha do Barão de Studart, toca-nos fundamentalmente a consciência de nossa responsabilidade em honrar a comenda que trazemos sobre o peito, símbolo dos princípios que regem a Casa, e em contribuir para dar continuidade à tessitura da preciosa tela cultural e científica que herdamos.

(Discurso pronunciado na noite de 24 de abril de 2013).